

“O ponto de vista cria o objeto”: relacionando a máxima saussuriana e a perspectiva teórico-metodológica da análise da conversa etnometodológica

Ingrid Frank
Andréia Kanitz

Submetido em 29 de novembro de 2012.
Aceito para publicação em 16 de maio de 2013.

Cadernos do IL, Porto Alegre, n.º 46, junho de 2013. p. 229-243.

POLÍTICA DE DIREITO AUTORAL

Autores que publicam nesta revista concordam com os seguintes termos:

- (a) Os autores mantêm os direitos autorais e concedem à revista o direito de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a Creative Commons Attribution License, permitindo o compartilhamento do trabalho com reconhecimento da autoria do trabalho e publicação inicial nesta revista.
 - (b) Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada nesta revista (ex.: publicar em repositório institucional ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial nesta revista.
 - (c) Os autores têm permissão e são estimulados a publicar e distribuir seu trabalho online (ex.: em repositórios institucionais ou na sua página pessoal) a qualquer ponto antes ou durante o processo editorial, já que isso pode gerar alterações produtivas, bem como aumentar o impacto e a citação do trabalho publicado.
 - (d) Os autores estão conscientes de que a revista não se responsabiliza pela solicitação ou pelo pagamento de direitos autorais referentes às imagens incorporadas ao artigo. A obtenção de autorização para a publicação de imagens, de autoria do próprio autor do artigo ou de terceiros, é de responsabilidade do autor. Por esta razão, para todos os artigos que contenham imagens, o autor deve ter uma autorização do uso da imagem, sem qualquer ônus financeiro para os Cadernos do IL.
-

POLÍTICA DE ACESSO LIVRE

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona sua democratização.

<http://seer.ufrgs.br/cadernosdoil/index>
Sexta-feira, 14 de junho de 2013
23:59:59

“O PONTO DE VISTA CRIA O OBJETO”: RELACIONANDO A MÁXIMA SAUSSURIANA E A PERSPECTIVA TEÓRICO-METODOLÓGICA DA ANÁLISE DA CONVERSA ETNOMETODOLÓGICA

Ingrid Frank¹
Andréia Kanitz²

RESUMO: Motivado por recorrentes críticas a estudos de linguagem em interação, este trabalho busca verificar em que medida pesquisas realizadas no âmbito da Análise da Conversa Etnometodológica (ACE) convergem com um dos princípios epistemológicos fundamentais de pesquisas em outros campos da área de Estudos da Linguagem, qual seja, com a máxima de que “é o ponto de vista que cria o objeto.” (SAUSSURE, 1975, p. 15). Para tanto, examinamos essa máxima em estudos seminiais, identificando as implicações metodológicas que ela tem sobre o fazer do linguista, e verificamos se a prática metodológica de estudos em ACE evidencia esse entendimento. A análise indica que estudos de interação ancorados na ACE contemplam esse pressuposto em cada uma de suas etapas de pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE: Saussure; epistemologia linguística; Análise da Conversa Etnometodológica; interação.

1. INTRODUÇÃO

“Longe de dizer que o objeto precede o ponto de vista, diríamos que **é o ponto de vista que cria o objeto.**” (SAUSSURE, 1975, p. 15): com certeza essa é uma das máximas saussurianas de maior repercussão no campo da Linguística. Saussure, em sua reflexão, dedicou-se especialmente a esclarecer que em Linguística os dados não pré-existem; ao contrário, é o ponto de vista que o linguista imprime sobre a língua que produz o objeto de investigação. Essa reflexão epistemológica, queremos argumentar neste trabalho, acarreta consequências metodológicas³ que encontram eco em diferentes campos dos estudos da linguagem, inclusive nos trabalhos desenvolvidos no âmbito da Análise da Conversa Etnometodológica.

De modo a sustentar esse argumento central, neste trabalho nos propomos a discutir a referida máxima saussuriana, procurando traçar uma aproximação entre esse princípio epistemológico central na obra de Saussure e os pressupostos teórico-metodológicos que embasam os estudos de fala-em-interação social desenvolvidos por pesquisadores ligados à

1 Doutoranda em Linguística Aplicada pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

2 Mestranda em Linguística Aplicada pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

3 Por “consequências metodológicas”, entenda-se consequências relacionadas ao método de pensar sobre a linguagem.

Análise da Conversa Etnometodológica⁴ (doravante ACE) no que diz respeito ao modo de proceder na descrição e na análise dos fatos relacionados ao uso da linguagem. Queremos propor que a metodologia de pesquisa empregada por linguistas aplicados em estudos de fala-em-interação social orientados pela perspectiva teórico-metodológica da ACE é pautada por esse princípio, isto é, queremos propor que também para esses linguistas os dados não são *essencialmente* o objeto a ser investigado, uma vez que é o ponto de vista do pesquisador sobre os dados que cria o objeto de análise.

Este texto é motivado por recorrentes críticas aos linguistas aplicados que têm sido disseminadas no meio acadêmico. Segundo tais críticas⁵, estudos de linguagem em interação se atêm demasiadamente aos dados de interação face-a-face como se eles fossem essencialmente o objeto a ser estudado e, sobretudo, descrito. Desse modo, os pesquisadores de fala-em-interação tenderiam a confiar de forma excessiva nos dados que têm em mãos e correriam o risco de se perder na empiria a ser descrita. A partir dessas críticas, queremos argumentar que linguistas dedicados aos estudos de fala-em-interação ancorados na ACE não correm o risco de perder-se em meio à empiria, uma vez que, também para esses pesquisadores, os dados não são o objeto, pois é o ponto de vista que cria seu objeto de investigação. Em outras palavras, o que se quer demonstrar é que também estudos de interação ancorados na ACE, perspectiva teórico-metodológica relativamente recente⁶, contempla o princípio fulcral que subjaz toda a reflexão epistemológica desenvolvida por Saussure.

Para levar a cabo essa tarefa, examinamos e discutimos a máxima saussuriana acima referida a partir de sua referência no Curso de Linguística Geral (SAUSSURE, 1975), nos Escritos de Linguística Geral (SAUSSURE, 1975) e em Normand (2000), com ênfase nos desdobramentos metodológicos de tal reflexão sobre o fazer do linguista. A partir disso, demonstramos como a prática metodológica e analítica de estudos de fala-em-interação corrobora o entendimento de que o ponto de vista cria o objeto de análise e possibilita o procedimento analítico.

2. SAUSSURE: O PONTO DE VISTA CRIA O OBJETO

Conforme antecipado na Introdução deste trabalho, nesta seção primeiramente nos dedicamos a apresentar a máxima saussuriana de que trata este trabalho, discutindo sua remissão no Curso de Linguística Geral, nos Escritos de Linguística Geral e no livro elaborado por uma pesquisadora da obra de Saussure, Claudine Normand, intitulado *Saussure*.

4 Incluem-se nesse grupo os trabalhos desenvolvidos em consonância com os textos seminais da área de Análise da conversa Etnometodológica (Schegloff, 1974; Schegloff, 1977), sobretudo os trabalhos produzidos no âmbito do Grupo de Pesquisa ISE (Interação Social e Etnografia) - UFRGS.

5 Aqui, estamos nos referindo sobretudo à conferência de encerramento do *II Congresso Linguagem e Interação*, ministrada pelo professor Dr. Carlos Alberto Faraco sob o título *Balço e perspectivas* (FARACO, 2010).

6 A Análise da Conversa Etnometodológica (ACE) é uma tradição de pesquisa norte-americana de base sociológica que surgiu em meados dos anos 1970, quando foram publicados os textos seminais da área, sobretudo Sacks, Schegloff e Jefferson (2003 [1974]). No plano internacional, a ACE tem se expandido vigorosamente, tendo atingido vários ambientes acadêmicos e não apenas estudiosos da linguagem. Já na comunidade acadêmica brasileira, a ACE vem ampliando gradativamente seu espaço de atuação ao longo dos últimos anos (ver, por exemplo, GARCEZ, 2001; OSTERMANN, 2002; SILVEIRA; GAGO, 2005).

2.1 A máxima saussuriana no Curso de Linguística Geral

Logo no início do terceiro capítulo da parte introdutória do Curso de Linguística Geral, um dos pontos fulcrais no desenvolvimento da Epistemologia Linguística desenvolvida por Saussure é colocado por meio de um questionamento bastante complexo e difícil de ser respondido: “Qual é o objeto, ao mesmo tempo integral e concreto, da Linguística?” (SAUSSURE, 1975, p. 15). Por se tratar de uma pergunta bastante difícil, Saussure⁷, nesse capítulo, limita-se apenas a esclarecer a referida dificuldade.

Para tanto, Saussure recorre inicialmente à comparação da Linguística com outras ciências. Tais outras ciências, conforme o autor, contariam com objetos dados que poderiam tranquilamente ser considerados de diferentes pontos de vista. Ou seja, nessas outras ciências, os objetos pré-existiriam no mundo, cabendo apenas ao pesquisador abordá-lo pelos pontos de vista possíveis.

No entanto, conforme Saussure, essa não é uma realidade para quem está no campo linguístico, inserido dentro de uma ciência da linguagem. Segundo o autor, o objeto da Linguística não está dado previamente ao pesquisador para ser considerado sob diferentes pontos de vista. Para demonstrar tal fato, Saussure cita o seguinte exemplo:

Alguém pronuncia a palavra *nu*: um observador superficial será tentado a ver nela um objeto linguístico concreto; um exame mais atento, porém, nos levará a encontrar no caso, uma após outra, três ou quatro coisas perfeitamente diferentes, conforme a maneira pela qual consideramos a palavra: como som, como expressão de uma ideia, como correspondente ao latim *nudum* etc. (SAUSSURE, 1975, p. 15).

Dito de outro modo, é o olhar do observador diante de um fato da língua que vai determinar o objeto que está a sua frente. Ele pode abordar um fato de língua, como a palavra *nu*, enquanto som, enquanto expressão de uma ideia, enquanto evolução da palavra latina *nudum*. Cada diferente modo de abordar os fatos da língua é que vai definir diante de *que* objeto o pesquisador está colocado.

É partindo do exemplo citado acima que Saussure expressa uma de suas mais referenciadas máximas na proposição de uma nova maneira de se estudar a língua. Ele, então, diz: “Bem longe de dizer que objeto precede o ponto de vista, diríamos que é o ponto de vista que cria o objeto.” (SAUSSURE, 1975, p. 15). Ou seja, o linguista, colocado diante da língua, ao imprimir seu ponto de vista sobre ela, é quem cria seu próprio objeto de estudo; objeto esse que, portanto, em comparação com outras ciências, não está dado previamente, pois é criado e delimitado pela lente do pesquisador.

Uma vez que o objeto não precede o ponto de vista e que, pelo contrário, é o ponto de vista que cria o objeto, Saussure pondera que não se pode dizer de antemão que uma ou outra maneira de se considerar um fato de língua “seja anterior ou superior às outras” (SAUSSURE, 1975, p. 15). O que há, simplesmente, são pontos de vista, apenas pontos de vista que criam e delimitam seus próprios objetos.

A isso, Saussure acrescenta que, seja qual for o ponto de vista que se adote, o fenômeno linguístico sempre apresentará duas faces que se complementam, uma vez

7 Para fins da redação deste texto, nos referiremos a Saussure como o autor do Curso de Linguística Geral, embora saibamos que o Curso constitui um texto produzido por Bally e Sechehaye em momento posterior a morte de Saussure e que, em função disso, tem sua autenticidade muitas vezes questionada.

que uma face não vale nada sem a outra. Para explicar esse raciocínio, o autor traz um exemplo: no momento em que sílabas se articulam, sons são percebidos pelo ouvido, mas os mesmos sons não existiriam sem os órgãos vocais. Por esse raciocínio, um *n* como em *nudum* existiria somente pela correspondência desses dois aspectos. Citando Saussure: “Não se pode reduzir então a língua ao som, nem separar o som da articulação vocal; reciprocamente, não se podem definir os movimentos dos órgãos vocais se se fizer abstração da impressão acústica.” (SAUSSURE, 1975, p. 15-16).

A partir disso, Saussure coloca que o fazer linguístico implica escolhas. Qualquer ponto de vista que se decida adotar ao se abordar a língua jamais oferecerá a nós o objeto da Linguística integralmente. É preciso decidir entre dois caminhos:

Ou nos aplicamos a um lado apenas e nos arriscamos a não perceber as dualidades acima assinaladas, ou, se estudarmos a linguagem sob vários aspectos ao mesmo tempo, o objeto da Linguística nos aparecerá como um aglomerado confuso de coisas heteróclitas, sem liame entre si. (SAUSSURE, 1975, p. 16)

A esse dilema, Saussure acrescenta que, quando se ambiciona estudar a linguagem sob vários pontos de vista ao mesmo tempo, abrem-se as portas a várias outras ciências (Psicologia, Antropologia, Filologia) que, segundo ele, se separam claramente da Linguística, mas que poderiam, em virtude da escolha ambiciosa de querer abordar a linguagem por todos os ângulos – denominado por Saussure como um método incorreto, reivindicar a linguagem como um de seus objetos.

Saussure apresenta, a partir disso, uma proposta de solução para essa dificuldade que se coloca: decidir primeiramente pela língua. Segundo ele: “é necessário colocar-se primeiramente no terreno da língua e tomá-la como norma de todas as outras manifestações de linguagem”; isso porque, entre tantas faces implicadas no fenômeno da linguagem, “somente a língua parece suscetível a uma definição autônoma”. (SAUSSURE, 1975, p. 16).

Em suma, a reflexão epistemológica que Saussure tece no Curso de Linguística Geral em torno do objeto da Linguística tem fortes implicações metodológicas para o fazer do linguista. Em primeiro lugar, Saussure dá o recado de que é preciso que o linguista saiba que seu objeto de estudo não pré-existe, não está dado de antemão, pois, no âmbito da Linguística, é o ponto de vista que cria o objeto. Nesse sentido, é necessário que o linguista tenha, antes de tudo, clareza acerca do ponto de vista que pretende imprimir sobre a língua para que seu objeto seja também claro, consistente e delimitado. Em segundo lugar, é preciso que o linguista tenha consciência de que qualquer ponto de vista que adote jamais poderá oferecer um objeto integral, porquanto o ponto de vista é um recorte a partir de um determinado ponto de vista e, por isso, implica necessariamente uma tomada de decisão: abordar os fatos da linguagem por tal ou tal lado jamais será ou poderá ser toda a linguagem.

2.2 A máxima saussuriana nos Escritos de Linguística Geral

A reflexão epistemológica saussuriana, presente no Curso de Linguística Geral, acerca do objeto da Linguística expressa pela máxima “o ponto de vista cria o objeto” também é bastante presente e claramente localizável nos manuscritos de Saussure,

reunidos e editados por Rudolf Engler e Simon Bouquet no livro *Escritos de Linguística Geral*. Destacamos, neste trabalho, alguns pontos de dois conjuntos de textos manuscritos de Saussure em que a máxima saussuriana se presta a ser examinada: dentro do conjunto de *Antigos Documentos*, editados por Engler (1968-1974), nas Notas para um livro de linguística geral, 1 e 2; e em algumas partes do conjunto de manuscritos reunidos sob o título de *Sobre a essência dupla da linguagem*, do acervo BPU 1996.

Na seção de *Antigos Documentos*, em [Notas para um livro de linguística geral, 1] (1893-1894), Saussure inicia asseverando que, no desenvolvimento de uma teoria da linguagem, é impossível aceitar que se pode construir uma teoria abstendo-se do trabalho de produzir definições. Aliás, o autor afirma que “a teoria da linguagem terá, como tarefa principal, esclarecer o que pertence às nossas primeiras distinções” (SAUSSURE, 2004, p. 170). A produção de tais definições, por sua vez, implica a tomada de um ponto de vista.

Para exemplificar tal questão, Saussure nos apresenta o seguinte exemplo:

A identidade da figura vocal *cantare*, por exemplo, com a palavra *kantare*, em hotentote, representa uma outra maneira de classificar os fatos, que não é a identidade de *cantare/chanter* e da identidade de *cantare* como significando tal coisa; mas essas são diferentes maneiras de cortar. (SAUSSURE, 2004, p. 170).

Ou seja, diferentes pontos de vistas produzem diferentes recortes que resultam em objetos distintos. Qualquer relação de identidade que se busque traçar não poderá ocorrer sem a evocação tácita de um ponto de vista.

Em continuidade a esse raciocínio, o mestre genebrino nos propõe, então, uma única forma de raciocinar que ele considera admissível e que também é apresentada no Curso: a de que não há nada na língua que seja determinado de antemão fora do ponto de vista, e nem mesmo um ponto de vista que se pode considerar mais indicado do que outros.

Segundo ele, há, com certeza, diferentes gêneros de identidade que se possa estabelecer na língua e é isso que cria diferentes ordens de fatos linguísticos. No entanto, o estabelecimento de uma relação de identidade entre termos da língua, depende da adoção de um ponto de partida, o que nos leva a concluir, em consonância com o raciocínio expresso no Curso, que “não há, portanto, nenhum rudimento de fato linguístico fora do ponto de vista definido que preside as distinções.” (SAUSSURE, 2004, p. 172).

Na seção seguinte, [Notas para um livro de linguística geral, 2], Saussure inicia realizando uma crítica explícita à tradição de estudos linguísticos de sua época, dizendo que, nessa tradição, as coisas pré-existem, os objetos são considerados como dados, podendo ser considerados de diferentes pontos de vista. A esse entendimento difundido na tradição, ele se opõe, colocando o seguinte: “Aqui, há, em primeiro lugar, pontos de vista, corretos ou falsos, mas unicamente pontos de vista, com ajuda dos quais se CRIAM, secundariamente, as coisas” (SAUSSURE, 2004, p. 173).

Em suma, nenhum objeto é dado. É o ponto de vista que cria o objeto. Em Linguística, insistirá Saussure, não há objetos dados que se possa considerar por diversos pontos de vista, aliás, “é proibido em Linguística [...] falar de “uma coisa” de diferentes pontos de vista ou de uma coisa em geral, porque é o ponto de vista que, sozinho, FAZ a coisa” (SAUSSURE, 2004, p. 173).

O entendimento de que é o ponto de vista que cria o objeto é também muito presente no conjunto de manuscritos intitulado *Sobre a essência dupla da linguagem*. Logo no início desse conjunto de manuscritos, nas seções *2b Posição das identidades* e *3a Abordar o objeto*, Saussure já coloca o fato capital, em sua reflexão epistemológica, de que é errado “supor que o fato de linguagem é dado fora do ponto de vista” (SAUSSURE, 2004, p. 23). Segundo ele, “toda a Linguística se resume à discussão dos pontos de vista legítimos, sem o que não há objeto.” (SAUSSURE, 2004, p. 26). Dessa posição resulta o fato de que aquele que se coloca diante da linguagem, ao adotar determinado ponto de vista, irá abordá-la por tal ou tal lado que jamais será toda a linguagem.

Dando continuidade à sua reflexão, o mestre genebrino nos apresenta uma reflexão que não aparece tão explicitamente expressa no Curso e nos Antigos Documentos dos Escritos de Linguística Geral. Na seção *3b Linguística e Fonética*, ele argumenta que falar de um objeto A é recorrer a um ponto de vista A, enquanto que falar de um objeto B é necessariamente recorrer a um ponto de vista B. A partir desse raciocínio, Saussure tece novamente uma crítica à tradição de estudos linguísticos de sua época, dizendo ser imprópria ação do linguista de recorrer a um outro ponto de vista para analisar um objeto não existente no ponto de vista escolhido. Segundo o autor, o objeto A só existe dentro de ponto de vista A, enquanto que o objeto B só existe dentro do ponto de vista B. É somente dentro do ponto de vista que criou o objeto que o mesmo pode ser analisado e considerado, jamais fora dele.

O que se pode perceber, claramente, nessas passagens, é que as considerações tecidas por Saussure nos manuscritos, estabelecendo o entendimento de que é o ponto de vista que cria o objeto, estão claramente em consonância com as informações apresentadas pelo Curso de Linguística Geral. O entendimento proposto por meio dessa máxima saussuriana institui de forma patente uma epistemologia, um pensar sobre a ciência da linguagem. Claramente, Saussure propõe por meio dela a necessidade de adoção de método por parte dos linguistas no desenvolvimento de seus estudos linguísticos. O que toda a sua reflexão acerca da tomada de um ponto de vista e de um objeto parece indicar é que é o método, o modo de pensar sobre a língua, que irá, por fim, legitimar o ponto de vista adotado pelo linguista. Cada ponto de vista produzirá diferentes objetos que só poderão ser analisados no âmbito do ponto de vista que lhes deu origem. Certamente, essa é uma reflexão que deve interessar a qualquer área dos estudos da linguagem uma vez que a adoção e a definição de pontos de vista diz respeito a qualquer estudo da linguagem que se pretenda legítimo e dotado de método.

2.3 Uma leitura da máxima por uma leitora de Saussure: Claudine Normand.

As implicações da reflexão epistemológica desenvolvida por Saussure, tanto no Curso quanto nos Escritos, acerca do objeto e do ponto de vista do Linguista, são também consistentemente abordadas por Claudine Normand no livro intitulado *Saussure* (NORMAND, 2000). Essa perspectiva se faz claramente presente no título da seção em que a máxima “o ponto de vista cria o objeto” é abordada: *Questões de Linguista*. Nessa seção, Normand sustenta que refletir sobre o modo mais adequado de abordar a língua é justamente posicionar epistemologicamente: “Interrogar-se sobre o que se faz em uma descrição e em uma reflexão sobre uma língua, buscar qual é o modo de proceder adequado, é tomar uma posição epistemológica” (NORMAND, 2000, p.

35). Essa tomada de posição, conforme Saussure, é necessária e precisa ser feita de modo refletido pela adoção de ponto de vista sobre os fatos da língua.

Ao propor que é o ponto de vista que cria o objeto – proposição que, segundo Normand, pareceu sempre escandalosa, Saussure quis “levar seus contemporâneos a se colocar a questão que, precisamente, eles evitavam: vocês sabem o que fazem e do que falam?” (NORMAND, 2000, p. 37). Tal intenção, segundo a autora, Saussure teria expresso diretamente apenas em uma carta a Meillet que ela reproduz e na qual Saussure manifestava a sua percepção de haver uma enormidade de trabalho a se fazer para mostrar ao linguista o que ele faz e, por conseguinte, como faz.

Normand acrescenta ainda que falar do objeto da Linguística, afirmar que é necessário delimitá-lo claramente, como Saussure faz, é, sem dúvida, dizer que é necessário fazer escolhas teóricas definidoras e, por consequência, definir o método que delas decorre. Ou seja, fazer linguística implica necessariamente tomar posicionamento teórico e definir pontos de vista de modo claro. Para explicar essa reflexão Saussuriana, a autora exemplifica:

Não se pode, por exemplo, tratar do mesmo modo, nem de modo algum, a transformação de *nudum* em *nu*, a concordância do adjetivo francês, o lugar que ele pode tomar na frase, as formas de derivação (*nudité / dénuder*), a função de expressões mais ou menos usadas (*mise à nu, à main nue...*) e, por que não, a ambiguidade de uma *blanche nue...* É necessário, sobretudo, deixar de acreditar que o que se aprendeu a fazer é a única coisa que se deve fazer para ser linguista. Trata-se, então de “mostrar” aos linguistas o que eles fazem e levá-los a refletir sobre o seu objeto. (NORMAND, 2000, p. 38)

É notável, portanto, que também para Claudine Normand a reflexão epistemológica que o mestre genebrino propõe se estende para além da reflexão teórica e alcança a discussão do método que se emprega no estudo dos fatos da língua. Pensar no *como, de que modo, sob que orientação teórico-metodológica* abordar os fatos da linguagem é uma preocupação que está patentemente expressa na reflexão que Saussure, preocupado em agregar rigor e método ao trabalho do linguista, desenvolve. Ora, são *Questões de Linguista*. Fixar um ponto de vista, sem dúvida, é um ponto fulcral no fazer Linguística. Nenhum linguista preocupado com a legitimidade do seu trabalho pode se furtar disso.

O entendimento de que é o ponto de vista que cria o objeto proposto por Saussure, queremos propor aqui, possui desdobramentos teórico-metodológicos em estudos de fala-em-interação realizados no âmbito da Linguística Aplicada. Na próxima seção, será realizada uma tentativa de demonstração de que estudos de interação ancorados na ACE dão, em alguma medida, continuidade à reflexão epistemológica desenvolvida por Saussure.

3. ANÁLISE DA CONVERSA ETNOMETODOLÓGICA: O PONTO VISTA CRIA O OBJETO?

O objetivo desta seção é evidenciar que, ao contrário do que afirmam recentes críticas à ACE, pesquisas realizadas nessa área contemplam a ideia expressa pela máxima saussuriana de que é o ponto de vista que cria o objeto. Para tanto, começamos

por uma breve definição da tradição de pesquisa denominada Análise da Conversa Etnometodológica, apontando seus pressupostos e objetivos centrais. A seguir, apresentamos cada uma das etapas metodológicas fundamentais de pesquisas em ACE de modo a evidenciar que a ideia presente na máxima saussuriana foco deste artigo é contemplada em cada uma delas.

3.1 O que é a Análise da Conversa Etnometodológica?

A Análise da Conversa Etnometodológica (ACE) é uma tradição de pesquisa norte-americana que se originou no campo da Sociologia, tendo por objetivo central investigar como as pessoas se organizam para realizar ações em conjunto. Iniciados em meados dos anos 60, os estudos em ACE partem do pressuposto de que, ao usarem a linguagem, as pessoas não estão simplesmente enunciando palavras, perguntas, sentenças; elas estão participando conjuntamente da produção de ações, que se dão à medida que os turnos se alternam entre os falantes. Assim, pesquisadores em Análise da Conversa entendem que a fala não é desordenada; pelo contrário, ela é sistematicamente organizada e ordenada⁸, sendo seu projeto descrever os recursos empíricos, ordenados e regulares que são usados turno a turno por quem conversa ao produzir enunciados e lidar com os dos outros.

Na ACE, as análises partem de registros audiovisuais de interações de ocorrência natural (sem serem planejados previamente e sem a intervenção do pesquisador) em tempo real, o que se deve ao interesse dessas pesquisas pela perspectiva êmica⁹, isto é, pelo ponto de vista dos próprios participantes acerca das ações que realizam conjuntamente. Tal perspectiva não é buscada por meio de entrevistas com os participantes sobre a interação de que eles participaram; a visão êmica é alcançada mediante a análise do que os próprios participantes demonstram uns para os outros em suas ações organizadas turno a turno. Esse parece ser um ponto fundamental para se entender a questão que queremos elucidar neste artigo, uma vez que nos parece que a recorrente afirmação acerca do privilégio da perspectiva êmica em estudos de fala-em-interação seja a responsável por desencadear críticas a estudos dessa natureza em geral e à tradição de pesquisa da Análise da Conversa em particular.

Em estudos de Análise da Conversa, é crucial o privilégio dado à busca pelo entendimento dos próprios participantes acerca do que fazem em conjunto a cada instante. Há o reconhecimento de que, para produzirem ações conjuntas sequencialmente organizadas, os próprios interagentes precisam demonstrar uns para os outros sua interpretação do que é internacionalmente relevante para eles, a cada micromomento

8 Essa era uma ideia extremamente radical para o cenário da época em que surgiram os primeiros estudos em ACE, em que predominava a visão Chomskyana de linguagem, segundo a qual a fala seria uma realização degenerada da competência linguística, não podendo ser objeto de estudo devido a seu caráter desordenado e assistemático (HUTCHBY; WOOFFITT, 1998, p. 22).

9 De acordo com Duranti (1991), a distinção entre a perspectiva êmica e a perspectiva ética foi desenvolvida, na área da antropologia interpretativa, por Pike (1971) a partir da distinção feita em estudos fonológicos entre fenômenos fonêmicos (percebidos como distintivos pelos falantes das línguas) e fonéticos (não percebidos como distintivos pelos falantes, mas relevantes para os pesquisadores). Baseado nessa distinção, Pike introduziu os termos êmico e ético para diferenciar comportamentos que são significativos para os participantes (apenas para os analistas) de fenômenos que são significativos para os próprios participantes das interações.

interacional, mediante o uso da linguagem. Essa demonstração, ao ser tornada pública pelo uso da linguagem turno a turno, fica acessível, por extensão, ao analista¹⁰.

O privilégio dado à perspectiva êmica é um princípio fundamental em ACE, uma vez que parece ser exatamente assim que as pessoas procedem cotidianamente ao realizarem ações umas com as outras (GARCEZ, 2008). Assim, as análises vão sempre atender para o que os participantes fazem turno a turno: para produzir uma elocução, o falante precisa fazer isso de modo que revele seu entendimento do que foi dito e do que foi feito no turno anterior, e assim e a cada novo turno subsequente. Há, portanto, uma forte orientação, que é recorrentemente asseverada, para que não sejam os interesses do analista, externo à interação, que pautem a observação e a análise dos dados de antemão, uma vez que, pela análise do uso da linguagem pelos participantes turno a turno, tem-se acesso à perspectiva deles próprios em relação aos *seus entendimentos* acerca do que está acontecendo naquele momento e o que é relevante *para eles*.

Conforme afirmamos acima, talvez esse seja o ponto responsável pelas recentes críticas a linguistas aplicados cujos trabalhos são pautados pelos princípios da Análise da Conversa Etnometodológica. Isso porque o privilégio dado à perspectiva êmica, de acordo com essas críticas, restringiria o trabalho dos pesquisadores em ACE a elaborar meras descrições exaustivas das interações foco da pesquisa. Além disso, por enfatizarem a orientação dos próprios participantes na interação, evitando categorizações e definições apriorísticas, as pesquisas em ACE estariam confundindo o dado e o objeto, isto é, estariam considerando os dados das pesquisas como a realidade em si, e não como frutos de um determinado ponto de vista sobre a realidade. Nesse sentido, pesquisadores de ACE, por confiarem demasiadamente nos dados que têm em mãos, correriam o sério risco de se perderem na empiria a ser descrita.

Queremos argumentar, no entanto, que, ainda que a perspectiva êmica seja a tônica que pauta os trabalhos que se desenvolvem a partir da Análise da Conversa, o arsenal teórico-metodológico adotado nesses trabalhos demonstra que, assim como expressa Saussure na máxima apontada acima, o dado não é o objeto em si.

Embora não haja, em Análise da Conversa, um desenho de pesquisa único, pré-definido, existe uma série de etapas básicas pelas quais as pesquisas desenvolvidas sob esse enfoque teórico metodológico geralmente passam: 1) geração de dados áudio-visuais por meio de gravações em áudio/vídeo; 2) segmentação dos dados relevantes para os interesses de pesquisa; 3) transcrição dos dados. Ainda que se mantenha presente, em todas essas etapas, o princípio básico do privilégio da perspectiva êmica, é possível apontar que, em cada uma delas, há o reconhecimento da máxima saussuriana que é foco de estudo neste trabalho, isto é, de que “é o ponto de vista que cria o objeto” (SAUSSURE, 1975, p. 15). A seguir, apresentamos o modo como essa máxima se projeta em cada uma dessas etapas da pesquisa em Análise da Conversa Etnometodológica.

10 Esse entendimento decorre do que é chamado em Etnometodologia de “método documental da interpretação”, segundo o qual o sentido não está preso às palavras; o que é dito ou feito por meio delas se estabelece em sequências de trabalho interpretativo, em que os participantes demonstram o que estão fazendo em conjunto (uma aula, uma conversa, um julgamento). Assim, o que é dito ou feito por meio da linguagem é contingente, e se define pela sua localização em sequências de fala e passível de ser modificado a qualquer momento, de acordo com o andamento da interação.

3.2 Geração de dados audiovisuais por meio de gravações em áudio/vídeo

As abordagens teórico-metodológicas no campo da pesquisa qualitativa/interpretativa evidenciam que não tomam os dados de suas pesquisas como o objeto em si, anterior ao ponto de vista que o cria, já no modo como nomeiam o processo de trabalho de campo. Ao passo que em tradições de pesquisa quantitativa é comum a utilização da denominação “coleta de dados” (que leva ao entendimento de que os dados estão prontos, acabados na realidade, para serem coletados e trazidos ao “laboratório”), em pesquisas de base interpretativa, fala-se em “geração de dados”. Essa denominação implica uma compreensão diversa a respeito dessa etapa da pesquisa, uma vez que entende que os dados não estão prontos; eles vão ser gerados, originados, criados uma vez que o pesquisador coloca o seu olhar sobre essa realidade e a percebe sob um determinado ponto de vista.

O pesquisador interpretativo (como o são Analistas da Conversa) ainda antes de ir a campo gerar dados para sua pesquisa, é imbuído por determinados pressupostos teóricos que embasam e justificam seu interesse de investigação. Esses pressupostos precedem a criação do objeto a ser investigado e subjazem as perguntas de pesquisa a partir das quais ele vai desenvolver sua investigação, sendo que ambos – pressupostos e perguntas de pesquisa – fazem com que ele observe o mundo de tal modo que *conceba* um objeto a ser estudado.

Assim, ao olhar para a realidade, o pesquisador a enxerga de determinado modo, que vai se refletir nas escolhas de seus procedimentos metodológicos: a) ele vai gerar os dados da pesquisa a partir de certo ângulo (Ele vai usar câmera(s) de vídeo? Se sim, por que ela(s) é (são) relevante(s) para a apreensão da realidade tal como ele a enxerga? Onde ele vai posicionar a câmera de vídeo? Quantas câmeras são necessárias para tal?); b) a geração de dados vai envolver certos participantes em certos lugares (numa escola, num bar, num centro de engenharia etc.); c) a geração vai ter uma duração precisa (por que filmar 10h ao longo de uma semana e não filmar 30h ao longo de um mês, por exemplo).

Em resumo, as pesquisas interpretativas em geral, e as pesquisas em Análise da Conversa em particular, reconhecem que o processo de geração dos dados já é, em si, permeado pelo ponto de vista do pesquisador, uma vez que entendem o processo de geração de dados não como mera “coleta”, mas como o processo de *concepção*, de *geração* do objeto. Isso porque o ponto de vista do pesquisador é anterior à própria existência do objeto, sendo refletido em cada uma de suas opções metodológicas.

3.3 Segmentação dos dados relevantes para os interesses de pesquisa

Após o registro de determinado número de horas de fala-em-interação, que constitui o corpus de dados da pesquisa, faz-se um levantamento em busca de ocorrências análogas, que são escolhidas a partir de algum interesse teórico específico (HAVE, 1999). Tais ocorrências podem ser, por exemplo, sequências interacionais que ocorrem no início de conversas telefônicas, sequências de narração de histórias, momentos desconfortáveis na interação entre participantes de sala de aula ou ainda algum outro fenômeno que se mostrar relevante entre os participantes mas que não tenha uma denominação vernacular (SCHEGLOFF, 2007, p. 8).

Ao longo dessa etapa, o pesquisador em análise da conversa sempre pauta-se pelo privilégio dado à perspectiva dos participantes, uma vez que é a partir da orientação dos interagentes em suas ações pelo uso da linguagem que os fenômenos serão segmentados. Quem vai dizer que o que está acontecendo naquele momento interacional não é o analista, mas os próprios participantes em suas ações. Em outras palavras, o pesquisador deve olhar para o modo como os participantes definem o que estão fazendo em conjunto e que recursos da linguagem estão mobilizando para tal. Assim, um segmento poderá se constituir a partir do início do relato de uma história até o final desse relato, mas o analista só poderá segmentar o dado desse modo porque são os participantes que demonstram, turno a turno, que é isso que está acontecendo ali.

Por outro lado, ainda que os dados sejam segmentados a partir da definição dos próprios participantes, em suas ações, sobre o que estão construindo conjuntamente, ao selecionar os segmentos que constituirão o objeto de sua pesquisa, o pesquisador novamente o está fazendo segundo seu próprio ponto de vista a partir de um interesse em particular, que foi construído a partir de certos pressupostos teórico-metodológicos.

O fato de o pesquisador em Análise da Conversa observar onde iniciam as sequências de ação e onde elas terminam, a partir do que os participantes estão fazendo juntos por meio do uso da linguagem, já demonstra um determinado entendimento acerca do que é o uso da linguagem e um interesse geral em descrever os recursos empregados pelos interagentes para organizarem a interação que constroem conjuntamente.

Portanto, ainda que a etapa de segmentação dos dados seja pautada pela premissa de que são os participantes que demonstram em suas ações o que é relevante entre eles (o que pode ser evidenciado em afirmações do tipo “os dados falam”), a escolha de se olhar para as ações dos participantes é anterior aos dados, sendo pautada por determinados pressupostos e interesses. Ao partirem de determinados pressupostos e interesses de pesquisa específicos, as opções do pesquisador na etapa de segmentação dos dados são guiadas por certos interesses e pressupostos anteriores, o que contempla, novamente, a noção de que o ponto de vista cria o objeto.

3.4 Transcrição dos dados

Esta é possivelmente a etapa da pesquisa em ACE que mais suscita discussões dentro da área acerca da impossibilidade de se observar e de se considerar o dado (neste caso, a transcrição do dado interacional) como anterior ao ponto de vista do pesquisador.

Ainda que o registro audiovisual dos segmentos de interação do objeto de interesse seja central para pesquisas em ACE, o trabalho de análise sistemática é realizado a partir do registro escrito dessas interações de acordo com o sistema Jefferson de transcrição (ATKINSON; HERITAGE, 1984; OCHS, SCHEGLOFF; THOMPSON, 1996), que possibilita um olhar detalhado acerca do que os participantes fazem em conjunto turno a turno¹¹. É justamente por considerar que cada detalhe importa para os

11 Trata-se de um conjunto de convenções bastante detalhadas, que consideram aspectos como entonação, volume de voz, velocidade da fala, inspirações e expirações, lapsos de tempo medidos em termos de décimos de segundo etc. A transcrição de tais detalhes decorre do princípio subjacente às pesquisas em Análise da Conversa segundo o qual “há ordem em todas as partes” (SACKS, 1992), isto é, os detalhes das interações não são fortuitos, são recursos mobilizados pelos participantes para produzirem suas ações e interpretarem as dos outros.

participantes que cada vez são mais presentes na área discussões acerca das limitações do registro escrito para dar conta de todos os detalhes envolvidos em uma situação de interação entre pessoas.

Com o advento e a popularização de recursos para registro e manipulação de imagens, é muito comum que a transcrição escrita venha acompanhada por quadros de imagens retirados da filmagem. Isso torna possível acompanhar o quanto gestos sutis, olhares, movimentação postural dentre muitos outros detalhes que estão intimamente implicados no uso da linguagem, ao ponto de atualmente ser impossível considerar apenas a manifestação verbal como parte da linguagem. O paradoxo dessa facilidade de se manipular imagens de vídeo é que quanto mais torna-se possível atender para os detalhes da interação, mais se percebe que é impossível demonstrar todos os detalhes que estão presentes em uma situação de interação.

Além disso, cada vez mais se demonstra que a transcrição não é neutra; ela é a própria análise do dado. De acordo com Almeida (2009, p. 72), “nenhuma transcrição consegue representar exatamente o evento em foco, servindo, pois, como uma ‘tradução’ para o leitor dos comportamentos verbais e não-verbais dos participantes”, sendo que a ao se realizar a transcrição, o pesquisador já está fazendo a própria *análise do dado* (GARCEZ, 2002; LODER, 2008). Ao transcrever eventos interacionais, o pesquisador, uma vez que não pode dar conta de todos os detalhes envolvidos, precisa fazer escolhas (por exemplo, identificar os participantes por pseudônimos ou por categorias, tais como professor, aluno, médico, paciente etc.?; utilizar o registro ortográfico, a grafia modificada ou transcrição fonética?), sendo que essas escolhas são motivadas por seus interesses de pesquisa. É o que sugere Garcez (2002) ao afirmar que “as transcrições são produtos analíticos pautados por propósitos analíticos específicos.” (GARCEZ, 2002, p. 85).

Exemplo disso é o estudo de Reis (2009), que analisou sobreposições na fala-em-interação em uma escola de Porto Alegre e sua relação com aprendizagem. A autora, para tanto, se valeu de um dado já analisado em Schulz (2007), mas, para levar a cabo seu trabalho, transcreveu novamente esse mesmo dado utilizado por Schulz, mas com uma diferença fundamental: ela sinalizou, na transcrição, todas as ocorrências em que ocorriam sobreposições, pois era esse seu foco de pesquisa, e não o de Schulz (2007).

Em suma, as pesquisas em Análise da Conversa utilizam transcrições detalhadas e quadros de imagens de modo a aproximar a visão do analista da perspectiva dos próprios participantes dos eventos interacionais. Por outro lado, há uma ampla discussão acerca das limitações implicadas em que qualquer transcrição, uma vez que o analista, ao transcrever dados interacionais, além de seguir convenções que informam sua postura teórico-metodológica, tem que tomar uma série de decisões acerca de *como* transcrever, *o que* transcrever e o que deixar de lado, o que demonstra que as transcrições não são o objeto em si, e sim decorrem de um determinado ponto de vista sobre a realidade. É, novamente, a presença da máxima Saussuriana contemplada por pesquisadores em ACE.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, apontamos em que medida pesquisas orientadas pela perspectiva teórico-metodológica da ACE contemplam a máxima saussuriana de que é o ponto de vista que cria o objeto. Isso porque as etapas por que passam pesquisas em ACE, ainda

que pautadas pelo olhar êmico acerca do que os próprios participantes estão fazendo sequencialmente turno a turno, revelam que as compreensões acerca dos fenômenos em foco são sempre interpretações a partir de determinados pontos de vista. Em outras palavras, os procedimentos metodológicos dessa tradição de pesquisa evidenciam que há “unicamente pontos de vista, com ajuda dos quais se CRIAM, secundariamente, as coisas.” (SAUSSURE, 2004, p. 173).

Ambas as perspectivas concordam que não se está jamais diante do objeto em si, mas de um objeto que foi criado, que foi originado a partir de certo ponto de vista, mas jamais diante do dado em si, conforme aponta Saussure: “é proibido em Linguística [...] falar de uma coisa de diferentes pontos de vista ou de uma coisa em geral, porque é o ponto de vista que, sozinho, FAZ a coisa” (SAUSSURE, 2004, p. 173). O objeto, tomado em sua essência é uma utopia, pois somos sempre confrontados com produtos de certos pontos de vista, resultados de interpretações da realidade.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. N. *A construção de masculinidades na fala-em-interação em cenários escolares*. Porto Alegre, 2009. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

ATKINSON, J. M.; HERITAGE, J. (Orgs.). *Structures of social action*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

GARCEZ, P. M. Deixa eu te contar uma coisa: o trabalho sociológico do narrar na conversa cotidiana. In: RIBEIRO, B. T. et al. (Orgs.). *Narrativa, identidade e clínica*. Rio de Janeiro: IPUB/CUCA, 2001. p. 189-213.

_____. Transcrição como teoria: a identificação dos falantes como atividade analítica plena. In: MOITA LOPES, L. P.; BASTOS, L. C. (Orgs.). *Identidades: recortes multi e interdisciplinares*. Campinas: Mercado de Letras, 2002. p. 83-95.

_____. A perspectiva da Análise da Conversa Etnometodológica sobre o uso da linguagem em interação social. In: LODER, L.; JUNG, N. (Orgs.). *Fala-em-interação social: Introdução à Análise da Conversa Etnometodológica*. Porto Alegre: Mercado de Letras, 2008. p. 17-38.

HAVE, P. ten. *Doing conversation analysis: A practical guide*. Londres: Sage, 1999.

LODER, L. L. O modelo Jefferson de transcrição: convenções e debates. In: LODER, L. L.; JUNG, N. M. (Orgs.). *Fala-em-interação social: Introdução a análise da conversa etnometodológica*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2008. p. 127-161.

NORMAND, Claudine. *Saussure*. Paris: Société d'editions les Belles Lettres, 2000.

OCHS, E.; SCHEGLOFF, E.; THOMPSON, S. *Interaction and grammar*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

OSTERMAN, A. C. A ordem interacional: a organização do fechamento de interações entre profissionais e clientes em instituições de combate à violência contra a mulher. *Alfa*, São Paulo, v. 46, p. 39-54, 2002.

REIS, C. A. G. Sobreposições de fala, participação e construção de aprendizagem na fala-em-interação de sala de aula de uma escola pública municipal. Porto Alegre, 2008. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

SACKS, H.; SCHEGLOFF, E. A.; JEFFERSON, G. Sistemática elementar para a organização da tomada de turnos para a conversa. *Veredas*, v. 7, n. 1-2, p. 9-73, 2003. Tradução de: SACKS, H.; SCHEGLOFF, E. A.; JEFFERSON, G. A simplest systematics for the organization of turn-taking for conversation. *Language*, v. 50, p. 696-735, 1974.

SACKS, H. *Lectures on Conversation*. Malden: Blackwell Publishers, 1992.

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de Linguística Geral*. Cultrix: São Paulo, 1975.

_____. *Escritos de Linguística Geral*. [Organizados e editados por Simon Bouquet e Rudolf Engler] Cultrix: São Paulo, 2004.

SCHEGLOFF, E. A. *Sequence organization in interaction: A primer in Conversation Analysis I*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

SCHULZ, L. *A construção da participação na fala-em-interação de sala de aula: um estudo microetnográfico sobre a participação em uma escola municipal de Porto Alegre*. Porto Alegre, 2007. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

SILVEIRA, S. B.; GAGO, P. Interação de fala em situação de conflito: papéis interacionais do(a) mediador(a) em uma audiência de conciliação no PROCON. *Intercâmbio*, São Paulo, v. XIV, 2005.

Recebido em: 29/11/2012

Aceito em: 16/05/2013

Versão revisada recebida em: 18/05/2013

Publicado em: 14/06/2013

**“IT IS THE VIEWPOINT THAT CREATES THE OBJECT”:
RELATING THE A SAUSSUREAN MAXIM TO THE
PERSPECTIVE OF CONVERSATION ANALYSIS**

ABSTRACT: *Motivated by recurring criticism to studies of language in interaction, this work aims to verify to what extent research conducted in the realm of Conversation Analysis (CA) converge with an underlying principle of research in other fields of language studies, that is, with the maxim that “it is the viewpoint that creates the object.” (SAUSSURE, 1975, p. 15). To do so, we examine this maxim in seminal studies, identifying the methodological implications it has on the work of the linguist, and we verify if CA studies demonstrate this understanding. The analysis indicates that interaction studies anchored in CA acknowledge this assumption in each of its research stages.*

KEYWORDS: *Saussure; linguistic epistemology; Conversation Analysis; interaction.*

